

COLLEEN HOUCK

A VIAGEM DO TIGRE

Tradução de Salvador Guerra

PRÓLOGO

sanque na água

Atrás do vidro espesso do seu escritório numa *penthouse* de Bombaim, Lokesh tentava uma vez mais controlar a incrível raiva que lhe invadia lentamente as veias. Nada correria de acordo com o planejado no acampamento dos Baiga. Até os aldeãos se revelaram fracos e desleais. Capturara Dhiren, o príncipe-tigre branco, e arrebatara um fragmento vital do Amuleto de Damon das mãos da rapariga, mas não conseguira acabar o que começara.

Inspirando profundamente para se acalmar, juntou os dedos e bateu com eles no lábio inferior, recordando a luta. *Eles possuíam armas especiais. Os seus sequazes descobriram que as armas estavam, de alguma forma, ligadas à deusa Durga. Evidentemente, havia alguma espécie de magia envolvida, e não se tratava da magia fraca da tribo.*

A magia era uma ferramenta, um dom a ser usado por aqueles com conhecimentos suficientes para a compreenderem e manipularem. Lokesh conhecia-o e iria usá-lo para adquirir ainda mais poder. Havia quem o considerasse, por isso, perverso. Lokesh não acreditava no Bem e no Mal – apenas em fortes e fracos. Pela sua parte, estava determinado a pertencer aos fortes.

Porquê Durga? Talvez a deusa esteja a guiá-los.

Tal como em relação ao Bem e ao Mal, também não acreditava em deuses. A fé era uma muleta, uma maneira conveniente de controlar as massas que assim se tornavam escravas descerebradas, optando por não usar a parca inteligência que possuíam. Os crentes ficavam em casa e choravam e rezavam, prostrando-se para obterem a ajuda divina que nunca chegaria.



Um homem inteligente trata dos assuntos com as próprias mãos. Lokesh franziu a testa ao recordar a rapariga, a escorregar por entre as suas. Aos olhos da jovem, devia ter parecido que fugira. Mais tarde, enviara reforços, mas os idiotas tinham voltado de mãos a abanar. O centro de comando fora destruído. As câmaras e as gravações de vídeo haviam desaparecido. Os Baiga, o tigre e a rapariga não foram encontrados. Era extremamente... irritante.

Uma campainha soou quando o assistente entrou na sala. Lokesh ouviu o homem explicar-lhe, cheio de medo, que o dispositivo de localização que havia implantado no príncipe fora encontrado. O homem abriu a mão e deixou cair os pedaços em cima da mesa. Sem uma palavra, Lokesh pegou no *chip* partido e, usando o poder do amuleto, atirou o trémulo assistente pela janela do sexagésimo andar. Ouviu-lhe os gritos enquanto ele mergulhava no vazio. Quando estava prestes a bater no chão, Lokesh murmurou algumas palavras que abriram um buraco, enterrando o homem vivo.

Depois de tratar das distrações decepcionantes, tirou o seu prémio, arduamente conquistado, do bolso. O vento soprava pela janela partida e o sol erguia-se acima da cidade movimentada, lançando um feixe de luz sobre a recém-adquirida quarta peça do amuleto. Em breve, Lokesh reuniria *todos* os fragmentos e teria finalmente os meios para realizar o que sempre sonhara desde que soubera da sua existência. Sabia que o amuleto completo o transformaria em algo novo... algo... mais. Algo... perfeito. Embora tivesse prolongado deliberadamente o processo e saboreado a antecipação quase tanto quanto a vitória, a hora chegara, chegara o momento.

Um estalo de prazer fez-lhe crepitar o sangue enquanto Lokesh tocava no quarto fragmento da sua preciosa coleção de amuletos.

Não encaixava.

Virou, revirou e inclinou o fragmento, mas não encaixava nos outros. Porquê? *Arranquei-o do pescoço da rapariga no acampamento baiga. É o fragmento que ela usou nas duas visões.*

No mesmo instante, uma sombra negra e pesada de ódio caiu sobre ele. Rangendo os dentes, esmagou a ofensiva imitação do amuleto e deixou o pó escapar-se do punho apertado enquanto cada célula do seu corpo explodia numa tempestade flamejante. Faíscas de luz azul rebentavam e estalavam-lhe entre os dedos.

Ondas de raiva inundavam-lhe a mente, abatendo-se contra a fina barreira da pele. Sem um escape para aplacar os violentos impulsos, cerrou os punhos e enterrou o poder dentro de si. *A rapariga! Ela enganou-me!*

A raiva pulsava-lhe nas têmporas ao pensar em Kelsey Hayes. Ela lembrava-lhe outra mulher de há séculos: Deschen, a mãe dos tigres. *Ela, sim, era uma mulher cheia de paixão*, recordou, ao contrário da sua esposa, a quem Lokesh havia matado quando dera à luz uma menina, Yesubai. Lokesh desejara um filho. Um herdeiro. *O meu filho e eu dominaríamos o mundo.*

Após a decepção com o nascimento da filha, Lokesh engendrara novo plano – matar Rajaram e tomar Deschen como esposa. Teria sido divertido quebrar-lhe o espírito. A luta teria sido deliciosa.

Deschen desaparecera havia muito e, felizmente, os tigres tinham-lhe trazido Kelsey. A jovem era mais do que ele esperava. *Muito* mais. Lentamente, a raiva que o preenchera transformou-se noutra coisa. A sua mente fervia e borbulhava, os pensamentos formando-se e rebentando como bolhas ulceradas até toda aquela determinação se transformar num desejo obscuro e enlouquecedor.

Kelsey possuía a mesma bravura apaixonada de Deschen, e Lokesh sentiria um prazer perverso em afastá-la dos filhos de Rajaram. De repente, os seus dedos desejaram tocar na pele suave da rapariga mais uma vez. Como seria agradável cravar-lhe uma faca. Ao contemplar essa ideia, passou um dedo ao longo da borda afiada da janela partida. *Talvez* até permitisse que os tigres vivessem para que pudesse deleitar-se com a perturbação que lhes causaria. *Sim. Enjaular os príncipes e fazê-los ver enquanto subjugo a rapariga vai ser muito agradável. Especialmente depois disto.*

Tanto tempo. Esperei tanto tempo.

Só um pensamento o acalmou: a batalha estava longe do fim. Iria encontrar a rapariga. A sua equipa procurava-a já por toda a Índia, vigiando os templos de Durga e espiando todos os terminais de transporte por terra, ar e mar. Lokesh era um homem que não corria riscos e não deixava pedra por virar. Atacaria de novo. Afinal de contas, não passava de uma rapariga.

Em breve, pensou. Lokesh estremeceu ao imaginar tocar-lhe de novo. Quase podia senti-la. *Pergunto-me como soarão os seus gritos.* Surpreendeu-se por sentir que quase desejava mais capturar a rapariga do que obter



o amuleto. A necessidade de a ter era avassaladora, fazendo com que os seus dedos latejassem. Em breve tê-la-ia a ela e a todos os pedaços do amuleto. *Assim que lhe puser as mãos, terei de ser paciente. Apressar as coisas foi um erro.*

Rodou um dos anéis que usava no dedo. Talvez não devesse ter esperado que a luta com os tigres fosse fácil. Tinham causado tantos problemas da primeira vez. No entanto, não eram os únicos predadores na Índia. Também ele próprio era uma criatura a ser temida. Um tubarão, deslizando rápida, silenciosa e fatalmente pela água.

Lokesh sorriu. Os tubarões eram criaturas admiráveis, predadores de topo, peixe dominantes no oceano. No mundo animal, os predadores nascem. No entanto, um homem escolhe ser um predador, destruindo aqueles que estão contra si, quebrando a espinha dorsal de todos os que se lhe opõem e tragando os inimigos. O homem escolhe ser ou o predador, ou a presa.

Lokesh resolvera permanecer no topo da cadeia alimentar havia muito tempo. Agora, apenas uma família e uma jovem se interpunham. *E ninguém tem hipótese depois de eu apanhar o cheiro do seu sangue na água.*

Lokesh cofiou a barba pensativamente e sorriu ao imaginar-se a andar em círculos à volta da rapariga. As águas estavam marcadas com o cheiro do engodo. Nunca dariam pela sua aproximação.

I

Viver sem amor

Ele vai fazê-lo?

Olhei para Ren, à procura de uma pista de emoção. Passou um minuto. Assim que tomou uma decisão, eu soube qual era.

Ren estendeu a mão para fazer a jogada.

– Ganhei. – Sorriu e sacudiu a manípula de Kishan para fora do tabuleiro de jogo, mudando a peça para a casa final. Recostou-se na cadeira e cruzou os braços. – Eu avisei-te. Nunca perco no *Ludo*.

Passara mais de um mês desde que resgatáramos Ren de ser torturado e mantido prisioneiro no acampamento dos Baiga e de Lokesh, e três semanas desde a minha terrível festa de aniversário – e a vida era um purgatório. Apesar de lhe ter dado a ler o meu diário e de ter usado toda a farinha para fazer os famosos biscoitos de manteiga de amendoim e chocolate da minha mãe, infelizmente Ren não se lembrava de mim. Alguma coisa acontecera enquanto estivera com Lokesh para lhe provocar a amnésia. Agora estávamos juntos, mas não unidos.

Ainda assim, recusei-me a desistir da esperança de que pudesse milagrosamente recuperar o nosso passado, e estava decidida a libertá-lo. Mesmo que Ren nunca voltasse a ser meu, prometera ir em busca das outras duas oferendas para cumprir a profecia da deusa Durga e quebrar a maldição do tigre, para que os príncipes voltassem a ser homens normais. O mínimo que podia fazer pelo homem que amava era não o desiludir.

Cada dia em que estava perto de Ren, mas não *estava com* ele, era mais difícil que o anterior. Mr. Kadam fez o seu melhor para me distrair, e o irmão de Ren, Kishan, respeitou os meus sentimentos e manteve-se



a meu lado como um amigo solidário, embora deixasse bem claro que ainda estava interessado em algo mais com cada olhar e cada toque.

Nem Ren nem eu sabíamos como agir um com o outro. Nós os quatro parecíamos estar a pisar ovos, à espera que algo, qualquer coisa, acontecesse. Apenas Nilima, tetra-tetra-tetraneta de Mr. Kadam, parecia manter-nos a todos a respirar, a comer e mentalmente sãos.

Numa noite especialmente triste, encontrei Mr. Kadam na sala do pavão, a ler um livro à luz suave do candeeiro. Sentei-me junto a ele, pousei a cabeça nos seus joelhos e chorei baixinho. Mr. Kadam deu-me palmadinhas nas costas e cantou uma canção de embalar indiana. Por fim, acalmei-me e partilhei os meus temores. Confessei-lhe que pensava que Ren estava irremediavelmente perdido para mim e perguntei-lhe se um coração destroçado poderia realmente sarar.

– Já sabe a resposta a essa pergunta, Miss Kelsey. O seu coração estava cheio e feliz quando estava com o Ren antes?

– Sim.

– Não estava demasiado magoada para amar um homem mesmo depois da morte dos seus pais?

– Não. Mas são dois tipos de amor diferentes.

– São diferentes em algumas coisas, mas semelhantes noutras. A sua capacidade para amar não desaparece. Ainda ama os seus pais, não ama?

– Claro que sim.

– Então atrevo-me a concluir que aquilo que sente não é mágoa ou a diminuição da sua capacidade para amar, mas dor pela ausência do seu amado.

Olhei para o sábio homem de negócios indiano e suspirei.

– É muito triste sentirmos a falta da pessoa que amamos quando essa pessoa está no mesmo lugar que nós.

– É verdade – admitiu Mr. Kadam. – Talvez fosse melhor não fazer nada.

– Está a sugerir-me que desista de Ren?

Mr. Kadam deu-me uma palmadinha no braço e, depois de refletir por um momento, narrou:

– Um dos meus filhos uma vez encontrou um pequeno pássaro com uma asa ferida. Ansiava por cuidar dele e mantê-lo como animal de estimação. Um dia, trouxe-me o pássaro. Estava morto. Explicou-me que sarara

e batera as asas. Mas o meu filho entrou em pânico e apanhou-o antes que pudesse voar para longe. Segurou a ave com tanta força que a sufocou.

»O pássaro podia ter escolhido ficar com o meu filho, ou podia ter voado para longe. Qualquer dessas hipóteses teria conduzido a uma conclusão feliz. Se tivesse partido, o meu filho teria ficado triste, mas ter-se-ia lembrado dele com um sorriso. Em vez disso, ficou devastado pela morte do pobre animal e foi-lhe muito difícil recuperar da experiência.

– Então está a *dizer-me* que desista do Ren.

– Julgo que... que será mais feliz se Ren estiver feliz.

– Bem, não quero sufocá-lo até à morte. – Suspirei e sentei-me sobre as pernas. – Mas também não o quero *evitar*. Gosto de estar com Ren e isso tornaria muito difícil terminarmos a demanda de Durga.

– Posso sugerir que tente ser sua amiga?

– Sempre fomos amigos. Se conseguisse fazê-lo recuperar essa parte da memória, talvez não me sentisse como se tivesse perdido tudo.

– Acho que tem razão.

Ser amiga de Ren?, pensei, enquanto tirava a fita da minha trança e subia as escadas para me ir deitar. *Bem, é melhor do que nada, e neste momento é tudo o que tenho.*

No dia seguinte, Mr. Kadam e Nilima prepararam-nos um *brunch*. Os dois tinham comido e saído, mas encontrei Ren na cozinha a empilhar fruta e pães doces num prato. Cada dia se parecia mais com o velho Ren. Estava ficar mais robusto e o cabelo escuro recuperara o brilho lustroso. Os seus lindos olhos azuis fitaram-me com uma expressão preocupada quando peguei num prato. Quando cheguei aos morangos, a minha anca colidiu com Ren, que se deteve.

– Podes chegar-te para lá um bocadinho? – pedi. – Gostava de experimentar estas queijadas antes que o Kishan chegue.

Ren pareceu despertar.

– Claro. Desculpa.

Pousou o prato na mesa e eu sentei-me à sua frente. Ren observou-me enquanto retirava lentamente o papel de um queque. Corei ligeiramente com a atenção.

– Estás bem? – perguntou-me Ren, hesitante. – Ouvi-te chorar ontem à noite.